

## **Por um Jornalismo Ecofeminista: Proposta de Análise do Portal Modifica<sup>1</sup>**

Alíria Priscilla dos Santos ARISTIDES<sup>2</sup>

Katarini Giroldo MIGUEL<sup>3</sup>

Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, Campo Grande, MS

### **RESUMO**

O trabalho aqui apresentado trata-se de uma proposta de pesquisa com o intuito de compreender as características da produção jornalística a partir do ecofeminismo, uma aproximação entre o ambientalismo e o feminismo. Discutimos de forma preliminar essas possibilidades jornalísticas e a intenção de análise a partir do Modifica, um portal fundado em 2014 que se auto identifica como uma mídia independente com enfoque em jornalismo ecofeminista.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Ecofeminismo; Jornalismo ecofeminista; Análise de conteúdo.

### **O jornalismo ecofeminista da Modifica**

A pesquisa a ser desenvolvida pretende compreender as características do jornalismo produzido a partir do ecofeminismo que, em suma, propõe o entrelaçamento entre o ambientalismo e o feminismo. Para isto, será realizada a análise da produção do portal Modifica, que assume com pioneirismo a dedicação exclusiva ao jornalismo ecofeminista. Desde 30 de dezembro de 2022, o portal suspendeu a criação de conteúdos por período indeterminado, mas o site e conteúdos anteriores permanece no ar. Na justificativa para a pausa, destaca-se a necessidade de “identificar vácuos de atuação e temas subpautados para lançar luz aos desafios e fortalecer a agenda ecofeminista” (MODEFICA, 2022).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 25 a 27 de maio de 2023.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS, e-mail: [aliria.santos@gmail.com](mailto:aliria.santos@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS, e-mail: [katarini.miguel@ufms.br](mailto:katarini.miguel@ufms.br)

Em pesquisas iniciais, não foram identificadas iniciativas jornalísticas semelhantes, assim como não foram identificadas produções acadêmicas que se dediquem ao jornalismo ecofeminista. Tais fatores evidenciam que o ecofeminismo ainda é pouco conhecido e produzido na comunicação, assim como enfatizam a relevância da presente proposta de pesquisa.

A teoria ecofeminista propõe que o feminismo seja atualizado a partir da interação com perspectivas ecológicas e aproxima essas lutas ao evidenciar a semelhança dos seus enfrentamentos e potencialidades. Como explica Torres (2009), há a compreensão de que a lógica patriarcal capitalista age de formas semelhantes ao explorar a natureza e as mulheres. Diante deste dilema, Mies e Shiva (1997, p.69) reforçam que “a libertação das mulheres não pode ser alcançada isoladamente, mas apenas como parte de uma luta maior pela preservação da vida neste planeta”.

Um jornalismo que perpassa o ecofeminismo pode ser fundamental diante das crises ambiental e climática vigentes, causadas pela destruição desenfreada e exploração irresponsável de bens naturais. Neste cenário, fatores como classe, raça e gênero também são determinantes para definir a intensidade desses impactos. Como exposto por Alsalem (2022, p.23), as mudanças climáticas e suas consequências “afetam desproporcionalmente mulheres e meninas, em particular aquelas em situações vulneráveis e marginalizadas”, o que reforça a importância de enxergar a questão a partir de uma perspectiva ecofeminista.

Alicia Puleo (2017) destaca ainda que a mídia hegemônica costuma amenizar a gravidade da situação e dificultar o estabelecimento de conexão entre causa e consequência, impedindo mudanças de atitudes e soluções concretas. Assim, é possível perceber a necessidade de promover e acessibilizar o debate, o que pode ser alcançado por meio de um jornalismo engajado com as temáticas em questão.

Ao se concluir que a forma “como o planeta e os seres humanos vão evoluir rumo ao futuro vai depender de como entendemos o impacto humano no planeta” (MIES, SHIVA, 1997, p. 36), fica evidente que o jornalismo pode ser uma poderosa ferramenta de transformação desta realidade. Para isso, é fundamental compreender como se configuram iniciativas que vão de encontro à mídia hegemônica.

### **Perspectivas de gênero e ambiental: uma hipótese de aproximação**

A consolidação do jornalismo ambiental e de gênero exemplificam as mudanças recentes permitidas pelo contexto tecnológico e social. Aplicado a questões que envolvem o ativismo e a solução de problemas socioambientais, o jornalismo pode dar visibilidade a tais questões e colaborar para alterações a níveis culturais e sociais (SCHERER-WARREN, 2006).

Em pesquisa sobre a prática jornalística com perspectiva de gênero, Leticia Santos e Katarini Miguel (2022) elencam as principais características da produção feita dentro deste jornalismo: pautas com temáticas não abordadas pela mídia hegemônica, com tratamento mais aprofundado e reconfiguração da objetividade; e a tendência à pluralização de fontes, de preferência mulheres diversas. As autoras reforçam que são pautadas “desigualdades de poder vinculadas aos papéis de gênero, permeado na transversalidade e com uma própria ótica de cobertura jornalística” (SANTOS; MIGUEL, 2022, p. 173).

Já o Jornalismo Ambiental trata-se do processo de produção e circulação de informações que envolvem o campo ambiental. Para alcançar funções como a mobilização social e manutenção do meio ambiente, assume papel “política, social e culturalmente engajado, porque só desta forma conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até de universidades” (BUENO, 2007, p. 36). Além disso, rompe com a lógica hegemônica, em especial o da colonialidade, que fragmenta, hierarquiza e simplifica as relações sociais e ecológicas. Para Loose e Girardi (2020, p. 320), “é preciso que se descolonialize a prática, rompendo com a lógica hegemônica do pensamento científico binário e cartesiano, que fragmenta os conhecimentos”.

Pela aproximação com os campos ambientais e de gênero, espera-se que o jornalismo ecofeminista seja influenciado por ambas as áreas.

As ecofeministas reconhecem que as forças que marginalizam, dominam e oprimem a natureza são as mesmas que marginalizam, dominam e oprimem as mulheres. Tais forças são sintetizadas por Mies e Shiva (1997, p. 51) como um “sistema

global patriarcal capitalista”, de caráter econômico-social-cultural. As autoras também reforçam que “esse sistema surgiu, é construído e se mantém por meio da colonização de mulheres, de povos “estrangeiros”, de suas terras e da sua natureza, que está sendo destruída gradualmente” (1997, p.51). É importante frisar que o ecofeminismo parte da premissa de que todas as formas de dominação possuem conexão e reconhece que as mesmas “estão ligadas à exploração de classe, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo” (TORRES, 2009, p. 165).

A lógica do sistema patriarcal e capitalista vigente opera por meio de estruturas dicotomizadas e hierárquicas. Rodriguez (2012) evidencia que tal estrutura, que opõe cultura e natureza, homem e mulher, razão e emoção, Norte e Sul, local e global, tem origens que remontam à formação do pensamento moderno e iluminista. Nesta lógica dualista, uma das partes é “sempre considerada superior, sempre prosperando e progredindo às custas da outra” (MIES; SHIVA, 1997, p. 54).

Ao posicionar a natureza, a mulher e o “outro” em um grau hierarquicamente inferior aos interesses do homem e sua “racionalidade”, o sistema capitalista patriarcal aprofunda mazelas como a desigualdade social, a violência e a miséria. Além disso, legitima o comportamento predatório, irresponsável, autodestrutivo e desenfreado da humanidade diante dos bens naturais do planeta Terra. Conseqüentemente, também há uma ligação direta entre essa lógica e a atual crise ecológica e climática que a humanidade já enfrenta.

O ecofeminismo também traz luz para um fenômeno recorrente nas mais diversas partes do mundo: a presença massiva de mulheres à frente da luta em defesa da natureza. Como enfatizado por Rodriguez (2012), observa-se que elas promovem diversas iniciativas de resistência à exploração indevida de bens naturais, assim como costumam agir em prol de alternativas sustentáveis para o meio ambiente.

Ao direcionar o olhar para a proximidade existente entre mulheres e natureza, é fundamental partir da premissa que tal relação não possui bases biológicas. Como reforça Torres (2009), este vínculo tem origem nas responsabilidades historicamente atribuídas às mulheres, em especial no espaço privado, que incluem tarefas domésticas e cuidados direcionados aos mais frágeis.

Alicia Puleo (2017) afirma que a proximidade histórica das mulheres com o cuidado da vida e do lar permitiu que as mesmas desenvolvessem maior facilidade para sentir e demonstrar empatia e atenção aos demais. Para além do contexto histórico e cultural, quando estas características “se unem à informação adequada e a um olhar crítico para discursos hegemônicos, dão-se as condições para despertar o interesse das mulheres pela defesa da natureza e demais seres vivos” (PULEO, 2017, p. 110).

Dentro do escopo de semelhanças entre o tratamento direcionado para mulheres e natureza, há ainda a exploração da força de ambas, assim como a falta de reconhecimento de sua importância. Dentro da lógica capitalista, “da mesma forma em que não se incorpora a riqueza produzida pelas mulheres no seu cotidiano trabalho doméstico, tampouco será levado em consideração o valor das forças e bens da Natureza, e em particular sua existência finita” (RODRIGUEZ, 2016, p. 5).

Mas como desenvolver uma prática jornalística focada nestas premissas? A nossa pesquisa de mestrado - ainda em fase inicial - quer justamente caracterizar o jornalismo produzido em um veículo que se autodefine como ecofeminista, a partir das análises das reportagens multimídia encontradas na seção ‘Especiais’. Neste segmento, são encontradas temáticas como crise alimentar e relação com mudanças climáticas, violência contra mulheres indígenas e subnotificação de toxicidade dos agrotóxicos. Por exigirem maior dedicação na sua produção e serem ricos em elementos de apoio como imagens, vídeos e infografias, espera-se que as características de um jornalismo ecofeminista tenham destaque nestes materiais.

A priori, espera-se que a produção jornalística ecofeminista seja influenciada por características do jornalismo ambiental e com perspectiva de gênero, como a diversidade de fontes, um olhar holístico para problemas socioambientais, engajamento à causa, ar de denúncia, chamado à ação e busca por direitos. Para conseguir alcançar resultados propostos neste projeto, a pesquisa deve fazer uso de abordagens teórico-metodológicas de autoras e autores como Vandana Shiva, Alicia Puleo, Carolyn Merchant, Wilson Costa Bueno, Ilza Girardi, Eloisa Loose, Márcia Veiga, Roseli Figaro, entre outras e outros. Além disso, deve ser realizada a análise de conteúdo do portal Modifica e entrevistas com a equipe de jornalistas que produzem seu conteúdo.

## REFERÊNCIAS

ALSALEM, Reem. **Violence against women and girls in the context of the climate crisis, including environmental degradation and related disaster risk mitigation and response.** Julho de 2022. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/world/report-special-rapporteur-violence-against-women-and-girls-its-causes-and-consequences-reem-alsalem-a77136-enarruzh>. Acesso em: 30 out. 2022

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2004.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897>. Acesso em 20 jul. 2022.

LOOSE, Eloisa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. **Interfaces entre o debate colonial e os estudos de jornalismo ambiental.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 58, p. 319-333, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/75877>. Acesso em: 20 jul. 2022

MODEFICA. Sobre. Disponível em <https://www.modefica.com.br/sobre/>. Acesso em: 16 out. 2022.

PULEO, Alicia. **¿Qué es el ecofeminismo?** Quaderns de la Mediterrània, n. 25, p. 27-34, 2017. Disponível em: <https://www.iemed.org/publication/what-is-ecofeminism/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

RODRIGUEZ, Graciela. **Eco-Feminismo – Superando a Dicotomia Natureza/Cultura.** Rio de Janeiro - Brasil. 2012. (mimeo biblioteca I. EQUIT).

SANTOS, Letícia Ávila dos; MIGUEL, Katarini. **Quando o jornalismo encontra o feminismo.** Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 21, n.39, p.171-183. jan.-abr. 2022. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/806>. Acesso em: 29 out. 2022.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais.** Sociedade e Estado, v.21, n.1, p.109-130. jan.-abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/BF3dYyyqYgB7RX7fj7SrpQk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2022.

SHIVA, Vandana; MIES, Maria. **Ecofeminismo.** 1. ed. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021.

TORRES, Maximiliano. **O Ecofeminismo: “um termo novo para um saber antigo”.** Terceira Margem. Rio de Janeiro, n. 20, pp. 157-175, jan. / jul. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/tm/article/view/11043>. Acesso em 20 de ago. 2022.